

LINGÜÍSTICA E COMUNICAÇÃO: OS ELEMENTOS DE UM PARADIGMA*

Paulo Cortes Gago

Doutorando em Letras , Lingüística e Língua Portuguesa

Faculdade de Letras - PUC/RJ

ABSTRACT :

In this article I argue in favor of a theory of communication that encompasses interindividual sociocultural differences in the communicative language behavior into a general theory of communication. In this sense I review some of the basic concepts of the Interactional Sociolinguistics and discuss its model of communication. Key concepts here are: interactive process, situated speech, contextualization cues, involvement in discourse, self, face, cooperation and language problems.

Introdução

Nos últimos anos deste século, as abordagens lingüísticas têm apontado sistematicamente para a relevância das diferenças culturais e seus reflexos na fala. No âmbito da sociolingüística, podemos citar o trabalho pioneiro de Labov (1973) sobre a fala da comunidade negra nova-iorquina. Na pragmática, Austin (1962) e Searle (1975) contribuíram com a análise das condições de proferimento dos atos de fala como regras socioculturais do discurso. Representando uma outra vertente, com vários nomes expoentes, dentre eles Dell Hymes (1974), Frederick Erickson (1979; 1982), Susan Philips (1972), dentre outros, a etnografia da comunicação investiga a comunicação como parte do conhecimento e comportamento específicos de culturas.

Depreende-se destes estudos que a diversidade cultural nas interações constitui mais a regra do que a exceção: ela tornou-se um pressuposto da comunicação. Nesta situação, especialmente em grandes centros urbanos, as normas socioculturais individuais subjacentes ao discurso são, normalmente, divergentes, podendo ocasionar pro-

*. Agradeço à Maria das Graças Dias Pereira pela revisão cuidadosa da primeira versão deste artigo e por seus comentários e sugestões valiosos. No entanto, toda a responsabilidade pelo conteúdo é minha.

blemas de comunicação. É inegável, hoje em dia, a importância dos processos comunicacionais. Vários bens e serviços dependem de uma comunicação eficaz, desde a obtenção de informação em um balcão até mesmo um emprego. Tendo em vista este panorama, faz-se necessária uma reflexão acerca do lugar dos modelos de comunicação no âmbito da teoria Lingüística nesta nova ordem. Proponho-me aqui apresentar os principais elementos do paradigma teórico da Sociolingüística Interacional e discutir seu modelo de comunicação. Esta empreitada se justifica pela posição de destaque que a interface *linguagem, cultura e normas de interação* aqui desfruta. Primeiramente, serão tecidas algumas considerações sobre a *interação* e a teoria sociolingüística como uma *teoria da interpretação do discurso*; em seguida, serão revisados os conceitos de *convenções de contextualização, inferências conversacionais, esquemas e enquadres, envolvimento no discurso, as noções de self e face*. Posteriormente, abordo os problemas de comunicação em sociedades urbanas como resultantes das diferenças culturais nas normas de interação. Por último, discuto as implicações deste aparato teórico em termos de um modelo de comunicação¹. Segue-se a conclusão.

O processo interacional e a fala situada: por uma teoria da diferenciação

Por comunicação entende-se aqui o fruto dos esforços de dois ou mais indivíduos engajados na tarefa de via palavras, gestos e outros sinais de natureza não verbal, criar e sustentar o envolvimento na interação em curso (Gumperz, 1982a). Uma vez que comunicar implica sempre um movimento de um participante em direção a um outro e uma resposta deste outro, pode-se dizer que ela é uma atividade negociada. Podemos imaginar a seguinte troca comunicativa em uma empresa entre dois colegas de trabalho:

A: Vamos almoçar juntos e discutir a proposta da Firma SAP?

B: Estou estourando de dor de cabeça...

Para entendermos este trecho de discurso, devemos ter em mente alguns detalhes sobre o contexto. Esta interação se dá entre dois colegas de trabalho do mesmo setor e com *status* semelhante na empresa (ambos são simples funcionários). Em um ambiente de trabalho é comum receber um convite de almoço de um colega com vista à discussão de algum tema em comum: a proposta da firma SAP; seria estranho um convite para discutir temas pessoais e emotivos entre dois meros colegas

1. Não foi possível aqui a inclusão de uma seção de análise de dados, o que ultrapassaria em muito o escopo permitido do artigo. Limito-me a fornecer exemplos para o/a leitor/a ao longo das seções.

de trabalho, sem maiores intimidades fora deste contexto. O horário de almoço é um intervalo livre na rotina diária que pode ser disponibilizado individualmente. Faz parte do sistema de faces da cultura brasileira não se recusar um convite de forma tão direta. Então, B se sente à vontade para expressar seu estado no momento, que deve ser interpretado não somente no seu sentido literal (“estou estourando de dor de cabeça”), mas sim como uma recusa de B ao convite de A. Por isso, a dor de cabeça de B deve ser entendida como um “não”. Se A insistir, B terá que ser mais explícito e formular a negativa ou ir ao almoço contra a sua vontade. De toda forma, em ambas as opções, o almoço não seria muito proveitoso.

Este exemplo evidencia que os participantes do discurso devem compartilhar de algumas informações para que a comunicação se efetive com sucesso: informações básicas (*background assumptions*) sobre o contexto da interação, sobre objetivos e relações pessoais, e conhecimento lingüístico. Fica claro também que a comunicação é um processo interpretativo de base eminentemente inferencial: os indivíduos se baseiam em conhecimentos que lhes permitem situar as mensagens recebidas no discurso em um contexto determinado e deduzir o significado intencionado (Gumperz, 1982a).

O intercâmbio comunicativo é, então, um processo interacional negociado, que envolve conhecimento lingüístico e sociocultural, no qual o grau de compartilhamento de informações é decisivo para o sucesso do encontro. Este conhecimento compartilhado não é falado ou negociado, é simplesmente um dado implícito ao discurso. Processar e entender o discurso é uma função da integração de vários níveis de conhecimento: o conhecimento de mundo, lingüístico e das normas socioculturais de interação. A fala situada, entendida como a troca comunicativa na qual os participantes envolvidos constituem-se mutuamente em contexto um para o outro, mostra-se como local privilegiado para o estudo da interação.

A diversidade cultural inerente à comunicação se reflete nos variados significados que um mesmo enunciado pode assumir, dependendo do *background* sociocultural dos participantes. Há vários estudos neste sentido: Erickson & Scultz (1982), Gumperz, (1982a), Gumperz, Aulakh & Kaltman, Mishra (1982), Philips (1972), etc. Gumperz (1982a) analisa o cruzamento cultural entre indianos e falantes nativos de inglês e evidencia que os indianos, em situações de trabalho de oferecimento de serviços, por exemplo, como garçons em uma cafeteira, perguntam aos clientes se desejam algo com entoação descendente, consoante o sistema de faces indiano que convencionaliza oferecimentos lingüisticamente desta forma, em sinal de deferência ao interlocutor. A mesma mensagem é interpretada por um falante nativo de inglês como uma asserção, o que é percebido como uma atitude rude e pouco polida dos indianos.

O escopo de uma teoria lingüística da comunicação deve se situar no seguinte patamar:

"Nós precisamos ser capazes de lidar com graus de diferenciação e, através do intenso estudo de casos de encontros-chave², aprender a explorar como estas diferenciações afetam a habilidade dos indivíduos de sustentar a interação social e ter seus objetivos e motivos entendidos³". (Gumperz, 1982a:7)

As diferenças interindividuais na interação não podem ser desprezadas no estudo da linguagem. Uma vez que a situação de cruzamento cultural predomina no espaço urbano e que a comunicação se dá por meio de sinalização de mensagens e inferência, o estudo dos *mecanismos de sinalização* do discurso e das *inferências conversacionais* postos em prática por falantes os mais diversos constitui elemento fundamental de uma teoria lingüística. Neste escopo, a teoria abraça os chamados "elementos marginais" da língua (como a acentuação, o tom, o ritmo, etc), assim denominados por Saussure, e os coloca no centro da análise, juntamente com os elementos ditos nucleares da língua: a gramática, o léxico e a fonologia; gramática aqui passa a ser entendida não como o conhecimento sistêmico da língua existente na mente individual, mas sim como conhecimento compartilhado por grupos humanos.

Uma teoria da interpretação do discurso deve partir dos seguintes pressupostos básicos:

1) a interpretação situada se dá com base em inferências que se circunscrevem ao contexto da troca verbal interativa; como um processo negociado dependente de movimentos e respostas, as inferências são severamente limitadas pelo que é dito e interpretado;

2) as inferências não têm nenhum caráter assertivo, elas são sempre sugestivas, e funcionam como hipóteses tecidas por ouvintes sobre as intenções comunicativas de falantes, validadas por outras *background assumptions* coocorrentes no contexto interativo; é o nível da força ilocucionária dos atos de fala;

3) a interpretação é um processo negociado - apesar de se basear no conhecimento de mundo, este é reinterpretado no processo interativo; há uma ecologia da interpretação presente no discurso, que é dependente do seqüenciamento do discurso, seu gerenciamento e negociação de significado, envolvendo cooperação direta dos participantes (Gumperz, 1992: 230).

Neste sentido, a teoria pretende ser uma teoria integrada de gramática, cultura e convenções de interação; a teoria sociolingüística funciona como uma ferramenta a serviço do monitoramento e descrição de processos sociais em curso (Gumperz: 1982a). Tratarei na próxima seção das convenções de contextualização e das inferências conversacionais. A principal referência é Gumperz (1982a; 1992).

2. O autor se refere aqui a encontros onde os resultados da interação verbal podem ter consequências graves para os seus participantes, como nas entrevistas de emprego analisadas pelo autor (Gumperz, 1982a, 1982b) e nos encontros entre estudantes e conselheiros universitários analisados em Erickson & Schultz (1982).

3. Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade.

Convenções de contextualização e inferências conversacionais

O processo interpretativo de relacionar som, movimentos corporais e sentido é um processo guiado por recursos encontrados no próprio encontro comunicativo, denominados de *pistas de contextualização*, que incluem, segundo Gumperz (1992): 1) a prosódia (entoação, acentuação, variações na duração da vogal, fraseamento, acelerações e mudanças gerais no registro lingüístico); 2) sinais paralingüísticos (tempo, pausas, hesitações, engatamento de turnos, sobreposições); 3) a escolha do código lingüístico, que inclui as opções em nível fonético/fonológico, morfossintático e podem se realizar em termos de língua, dialeto, registro (como a fala da mãe com a criança, denominado de *maternalês*) e também o estilo individual; 4) escolhas de formas lexicais e expressões formulaicas; 5) incluem os marcadores do discurso, não citados explicitamente em Gumperz (1982a), que são partículas sinalizadoras de intencionalidade, como *bem, então, ah, tá, viu?*

As pistas de contextualização dão suporte aos processos inferenciais em pelo menos três níveis: 1) *no plano da percepção*: sinais auditivos e visuais são recebidos e categorizados - as inferências neste nível captam informações sobre a organização da conversa, classificando unidades de informação: aqui os participantes distinguem que informações são ressaltadas, os principais tópicos da conversa, os locais onde termina uma unidade de tom e ele pode tomar a palavra, etc; 2) *no plano da intenção comunicativa*, onde o significado implícito e explícito é manejado (a força ilocucionária); 3) em um *terceiro nível*, opera-se com as expectativas sobre a interação resultantes das pistas de contextualização; os participantes estão engajados em previsões sobre os possíveis resultados do encontro, sobre tópicos apropriados, os gêneros do discurso, os alinhamentos dos participantes, etc. É também aí que possíveis ambigüidades dos níveis anteriores podem ser resolvidas. Apesar da divisão teórico-didática em três níveis de análise, na prática eles operam simultaneamente no discurso.

Esquemas e enquadres

Os esquemas de conhecimento são unidades cognitivas que representam conceitos sobre a experiência humana armazenados na memória de longo prazo e nos auxiliam no processo de fazer sentido no mundo. (Rumelhart, 1980). O conceito de esquema é muito semelhante ao de informação não visual ou pré-conhecimento (*background knowledge*) (Moita Lopes, 1986:73).

O conceito de enquadre advém diretamente do trabalho de Bateson (1972) e de Goffman (1974). Os autores utilizam indistintamente o termo *frame* para designar esquemas de conhecimento e enquadres interacionais. Posteriormente Goffman (1981)

introduz o termo enquadre (ou *footing*) como uma especialização do *frame* para designar o alinhamento, postura ou posição de um "eu" participante no discurso em relação ao outro, a si mesmo, a algo ou ao próprio discurso em construção. Os enquadres são uma projeção do eu no discurso e podem ser introduzidos, sustentados, negociados, ratificados, co-sustentados ou modificados na interação.

Os dois termos são complementares na produção e interpretação do discurso. Uma boa metáfora para esta compreensão encontra-se em Quental (1997:81). A autora faz uma comparação em termos de mapa e território: "Os esquemas de conhecimento são os mapas que usamos para nos guiar na tarefa de fazer sentido no mundo. Os enquadres interpretativos são as instruções de como usarmos os mapas que temos". Retornando ao exemplo anterior, o participante B deve ser capaz de reconhecer o tipo de atividade proposta na interação (o convite para almoço) e como interpretá-la (se é um almoço de negócios ou um encontro informal); A deve inferir se o convite está sendo aceito ou não.

Apesar de esquemas de conhecimento e enquadres serem noções complementares, os dois conceitos devem ter sua referência teórica diferenciada: enquanto esquema se encontra associado às pesquisas de natureza cognitiva, os enquadres são de natureza eminentemente interacional (Tannen e Wallat, 1993; Ribeiro 1997; Quental, 1997).

O envolvimento no discurso e a compreensão

O envolvimento é um fator primordial na compreensão do discurso que vem sendo levantado na literatura. Gumperz (1982a) afirma que os participantes engajados em uma interação devem constantemente sinalizar para o outro, através de recursos verbais ou não verbais, seu foco de atenção. Um fator decisivo na criação de envolvimento é o compartilhamento de conhecimento (lingüístico e sociocultural). Nesta perspectiva, o envolvimento conversacional é o resultado feliz das inferências conversacionais. Revisando o tema, Tannen (1989) o define como "uma conexão interna, até mesmo emocional que os indivíduos sentem que os liga a outras pessoas, bem como a lugares, coisas, atividades, idéias, memórias e palavra" (1989:12), seguindo Chafe, que o localiza mais na esfera psicológica. Para Goodwin, significa "engajamento conversacional" e, para Merrit, "engajamento mútuo" (In Tannen, 1989). Como exemplos temos os famosos sinais de retroalimentação da conversa (*backchannel signals*) do tipo "sei", "é", "ãhã", "isso", que indicam para o interlocutor algo como "prossiga", "estou te acompanhando"; Tannen (1984) mostra que as sobreposições e interrupções podem ser indicativas de um alto grau de envolvimento no discurso. Estes elementos têm, então, a função de manter o fluxo da interação e

contribuir para a coerência do discurso. Nesta perspectiva, envolvimento significa a participação ativa de falantes e ouvintes na comunicação.

A capacidade dos indivíduos de criar e sustentar o envolvimento ao longo da comunicação deve ser incorporada à competência comunicativa. O alcance dos objetivos esperados do encontro, ou seja, seu sucesso, depende largamente do envolvimento. Na realidade, a própria compreensão do discurso é uma função do envolvimento: "nós sabemos que entender pressupõe a habilidade de atrair e sustentar a atenção de outros" (Gumperz, 1982a:4).

A noção de self e face

Aplicando conceitos já existentes na sociologia à situação de interação face-a-face, Goffman afirma que a noção de *self* é um construto social que se deixa melhor perceber através do conceito de face: "o valor social positivo que um indivíduo reclama para si através da linha que os outros assumem que ele tenha tomado durante um contato particular" (1967:5).

Apesar de estes conceitos não estarem diretamente ligados à linguagem, sua presença é fundamental em uma teoria da comunicação de base interacional, pois estas noções complementam a análise lingüística da interação situada e contribuem para o processo inferencial (cf. Schiffrin, 1994).

Interação e cooperação em sociedades urbanas multiculturais: os mal-entendidos, a má comunicação e os estereótipos

As sociedades urbanas contemporâneas abrigam um cenário de comunicação que pressupõe indivíduos de origem étnica e sociocultural bastante distinta, conforme destacado na introdução. Neste mosaico, os indivíduos possuem maneiras diferentes de sinalizar para o outro o contexto onde sua fala se inscreve e como interpretá-la. Estas diferenças, quando não compartilhadas, podem gerar má comunicação.

A má comunicação, de acordo com Banks, Ge & Baker (1991), é uma decisão sobre o significado do comportamento comunicativo de outra pessoa. Para Gumperz (1982a), ela tem o efeito de mudar completamente a interpretação dos participantes sobre o que ocorreu anteriormente e dar novo curso à interação. Ela pode afetar de forma significativa a capacidade individual de interação e cooperação. A literatura aponta para conseqüências graves: ela pode influenciar na quantidade de informação útil recebida por estudantes em suas entrevistas de aconselhamento (*counseling interview*), prejudicando sua promoção social (Erickson & Schultz, 1982), arruinar a

cooperação comercial entre dois povos (Scollon & Scollon, 1997[1995]), ou ainda prejudicar um candidato em uma entrevista de emprego, fazendo com que perca a oportunidade de trabalho (Akinnaso, F. N. & Ajitutu, 1982; Gumperz, 1982a).

Há que se considerar ainda um outro desdobramento dos problemas de comunicação. De acordo com a definição acima, a má comunicação está relacionada com *comportamento*. Comportamentos admitem classificações categóricas como *inade-quado*, *desviante*, *indesejado*, etc. É prática comum no uso da linguagem transformar os mal-entendidos em comportamento de pessoas e grupos inteiros, gerando asserções do tipo: "os portugueses são rudes", "os americanos são calculistas", "o brasileiro só quer saber de samba, carnaval e futebol", "a mulher brasileira tem um corpo escultural", etc. São os famosos estereótipos. Os estereótipos são supergeneralizações a partir de experiências individuais, localizadas, que passam a ser aplicadas a grupos inteiros, a cada indivíduo do grupo. Eles podem assumir valores negativos, como nos três primeiros exemplos, ou positivos, como no último (Scollon & Scollon, 1997[1995]).

Esta forma de pensamento é especialmente prejudicial à comunicação, pois não reconhece as diferenças entre indivíduos e os trata como iguais. Normalmente um ou outro aspecto é destacado e supervalorizado, enquanto vários outros são ignorados. Não há evidência empírica que sustente esta atitude. Os estereótipos fomentam a idéia de oposição entre grupos e etnias, tão nociva à experiência humana. A história tem vários exemplos de grupos discriminados via estereótipo: judeus, palestinos, negros, homossexuais, nordestinos, cariocas, paulistas, etc.

Enfim, os estereótipos transformam um problema de comunicação em comportamento pré-fixado; o lapso ou erro lingüístico adquire o significado de inabilidade ou incompetência social de quem o causou. Além disso, nos faz perder de vista a verdadeira face da questão: são problemas, no fundo, *lingüísticos*, ocasionados pelo uso de formas diferentes de se comunicar não compartilhadas ou não aceitas. Eles limitam, pois, a atividade humana. Nas palavras de Scollon & Scollon (1997[1995]:156), "o estereótipo nos deixa cegos para o outro". Por isso, qualquer forma que venha a assumir (negativa ou positiva) é uma barreira para o desenvolvimento da boa comunicação e uma fonte potencial de mal-entendidos.

No que tange ao aspecto *lingüístico* da má comunicação, as pesquisas têm mostrado que grande parte dos problemas se situa não no conhecimento do código lingüístico, mas sim nas regras socioculturalmente determinadas de uso dos elementos prosódicos, paralingüísticos e extralingüísticos, denominados tradicionalmente na gramática de elementos *marginais* e pouco estudados, e nas normas de interação social. Em Erickson & Scultz (1982) temos evidência clara das diferenças no ritmo e sincronia conversacional e seus resultados na interação; Young (1982) demonstra as divergências nas normas de polidez de asiáticos e ocidentais, gerando estratégias comunicativas distintas e, por vezes, conflitantes - um sorriso de um chinês pode ser índice de seu constrangimento social, ao invés de aprovação e satisfação; Maltz & Borker (1982) localizam a má comunicação entre sexos nas diferenças culturais no processo de

socialização de meninos e meninas e o padrão de interação daí resultante - argumenta-se, por exemplo, que meninos se estimulam a competir, enquanto meninas prezam acima de tudo a relação. Estas características emprestariam a meninos uma fala mais assertiva e a meninas um grau de indiretividade maior. Por último, Birdwhistell, considerado pioneiro no estudo de gestos e expressões faciais, considera a origem de grande parte dos problemas interacionais residente nestes elementos extralingüísticos (In Gumperz, 1982a:141).

Lingüística e modelos de comunicação: o paradigma da sociolingüística interacional

Os modelos de comunicação existentes no âmbito da teoria lingüística (o modelo de código, o modelo inferencial e o modelo interacional) compartilham de pelo menos três elementos em comum: a existência de um comunicador, de um sinal de comunicação e de um receptor. No entanto, eles divergem quanto ao papel desempenhado por cada um deles e aos seus pressupostos de comunicação. Esta seção pretende integrar os elementos da teoria lingüística da sociolingüística interacional aqui discutidos com o modelo de comunicação subjacente a esta teoria⁴.

O princípio básico que norteia o modelo interacional é a estreita ligação entre comunicação e comportamento, de natureza intencional ou não (Schiffrin, 1994). Goffman (1975[1959]) é referência obrigatória aqui. Para o autor, a comunicação transcorre como um "jogo de informação" (p.17), cujas variáveis são a informação dada (*information given*), que "abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos" (p.12), intencionalmente controlada pelo indivíduo, e a informação transmitida (*information given off*), que abrange "uma ampla gama de ações" (p.12) e cuja natureza é não intencional, como, por exemplo, um riso nervoso, ou roer as unhas como sinal de ansiedade, ou um tom de voz alterado.

Segundo Watzlawick et al., o comportamento é uma categoria básica, pois não admite oposição: "não se pode não se comportar", ou seja, "não se pode não comunicar" (1967:48). Todo comportamento, em situação interacional ou não, adquire valor de mensagem por quem o observa.

Esta premissa é bastante importante. A partir dela podemos redefinir os papéis do comunicador, do receptor e da mensagem dentro deste modelo. O emissor transmite tanto a informação designada a ser transmitida (a informação dada), como a não intencionalmente concebida para ser percebida pelos outros (a informação transmitida). Temos aqui a importância dos elementos paralingüísticos e extralingüísticos, anteriormente abordados. O receptor desempenha um papel igualmente ativo: baseado em seu pré-conhecimento lingüístico e da situação

4. Não cabe aqui uma revisão de cada um dos modelos. Situei apenas o modelo interacional, objetivo desta seção. Remeto o/a leitor/a a Schiffrin, 1994.

(*background knowledge*), deriva inferências sobre os significados referencial e social das informações recebidas, tomando para si a responsabilidade por dotar de significado a informação (Schiffrin, 1994).

Os dois tipos de informação com conteúdo comunicativo oriundos do emissor (informação dada e transmitida) geram dois tipos de mensagem: uma que é emitida e encontra-se no âmbito do emissor e outra que é recebida e é do domínio do receptor. A mensagem nesta perspectiva não é necessariamente identificada com um código lingüístico; uma vez que ela abrange o paralingüístico e o extralingüístico, ela tem à disposição toda sorte de comportamento capaz de ser produzido pela espécie humana, como olhar, sensação, gestos, etc. Ao invés de ter uma forma predeterminada pelo emissor, ela emerge da situação interacional como uma confluência de vários fatores: a informação dada, a informação transmitida, a maneira como a informação é situada e as várias interpretações possíveis dos receptores, ou seja, ele é mais refratada e perspectivizada. Como consequência, este modelo é menos centrado no código e mais dependente do contexto.

Esta perspectiva representa uma mudança radical nos pressupostos de comunicação, abalando uma teoria sólida dentro da lingüística: o modelo de código, considerado padrão e de muita influência na cultura ocidental. Neste modelo, o emissor é que detém o papel central na comunicação. Em resumo, ele é detentor de uma proposição representada internamente, equivalente a um pensamento, que deseja transmitir através de um código lingüístico compartilhado com um receptor, cuja função é meramente a de, passivamente, decodificar a mensagem e acessar o pensamento do emissor. Este modelo não é capaz de dar conta dos processos reais de comunicação.

Conclusão

No início deste artigo propus-me apresentar os principais pressupostos teóricos da Sociolingüística Interacional e discuti-los à luz de um modelo de comunicação. Neste sentido, foram revisados os seguintes conceitos: as convenções de contextualização e o processo inferencial da linguagem, os esquemas de conhecimento e os enquadres interacionais, o envolvimento no discurso e as noções de *self* e *face*. Estes elementos foram considerados elementos-chave em uma teoria da comunicação, pois através deles, diferenças interindividuais quanto ao contexto no qual se situam as mensagens em um discurso podem ser mais eficazmente estudadas.

90 A Sociolingüística Interacional, através do estudo da fala situada, mostra-se, então, como uma ferramenta que muito tem a contribuir para o estudo de processos reais de comunicação. Seu modelo parece atender às duas necessidades básicas de modelos: a adequação descritiva e a adequação explanatória. Ao considerar as diferenças socioculturais e as normas de interação e incorporá-las à teoria, fica mais

perto dos fenômenos observados e das possíveis causas dos problemas comunicativos. Cremos que este paradigma teórico representa uma tentativa consistente de lidar com os desafios que a prática comunicativa coloca para aqueles interessados no estudo da linguagem.

Segundo Moita Lopes (1994:331), "o que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e reinterpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades". Sendo assim, este mundo social tão diverso é abordado da melhor maneira a partir de um paradigma científico cujo foco seja no particular, não no geral. Creio que o paradigma de comunicação aqui descrito se presta ao papel esperado pela forma de fazer ciência de cunho qualitativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKINNASO, F. NIYI & AJIROTUTU, C. S. (1982) Performance and ethnic style in job interviews. IN: John Gumperz. *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 1982b.
- AUSTIN, J. (1962) *How to do things with words*. Cambridge, M.A.: Harvard University Press.
- BANKS, S. P., GE, G., BAKER, J. (1991) Intercultural Encounters and Miscommunication. IN: Coupland, G. & Wiemann. *Miscommunication and problematic talk*. Newbury Park, London, New deli: Sage Publications.
- BATESON G. (1972) Uma teoria para fantasia e brincadeira. IN: *Cadernos IPUB*. Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 1, nº 5, p. 25 - 37, 1997 [1972].
- ERICKSON, F. (1979) Talking down: some cultural sources of miscommunication in interracial interviews. IN: A. Wolfgang (ed.) *Nonverbal communication*. New York: Academic Press, p.99-126.
- _____. (1982) Money tree, lasagna bush, salt and pepper: Social construction of topical cohesion in a conversation among Italian-Americans. IN: D. Tannen (ed.). *Analysing Discourse: Text and talk*. Washington, DC: Georgetown Univ. Press, p.43-70.
- ERICKSON, F. & SCHULTZ, J. J. (1982) *The counselor as a gatekeeper: social interaction in interviews*. New York: Academic Press.
- GOFFMAN, E. (1967) On face work. IN: *Interactional ritual*. New York: Anchor Books.
- _____. (1974) *Frame analysis*. New York: Harper e Row.
- _____. (1975 [1959]) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1981) Footing. IN: *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 124 - 59.
- GUMPERZ, J. J. (1982a) *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1982b) *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press.
- _____. (1992) Contextualization and understanding. IN: A. Duranti & C. Goodwin (eds.) *Rethinking context*. New York: Cambridge University Press.
- GUMPERZ, J.J., AULAKH, G. & KALTMAN, H. (1982) Thematic structure and progresion in discourse. IN: J. Gumperz (ed.) *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press.

- GUMPERZ, J. & COOK-GUMPERZ, J. (1982) Introduction: language and the communication of social identity. IN: John Gumperz. *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 1982b.
- HYMES, D. (1974) *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (1973) *Language in the Inner City*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.
- MALTZ, D. N. & BORKER, R. A (1982). A cultural approach to male-female miscommunication. IN: J. J. Gumperz (ed.).) *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press.
- MISHRA, A. (1982) Discovering connections. IN: John Gumperz. *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 1982b.
- MOITA LOPES, L. P. (1986) *Discourse analysis and syllabus design: an approach to the teaching of reading*. Tese de PhD; University of London - Institute of Education. London,.
- MOITA LOPES, L.P. (1994) Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. IN: *D.E.L.T.A*, vol.10, nº12, p.329-338.
- PHILIPS, S. (1972) Participant structures and communicative competence: Warm springs children in community and classroom. IN: C. Cazden, D. Hymes & V. John (eds.) *Functions of language in the classroom*. New York: Teachers College Press, p. 370-394.
- QUENTAL, L. (1997) O ato de interpretar: um estudo de sociolingüística interacional. IN: *Cadernos IPUB*. Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 1, nº 5, p. 79 - 106, 1997.
- RIBEIRO, B. T. (1997) Análise de enquadres em uma entrevista psiquiátrica. IN: *Cadernos IPUB*. Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 1, nº 5, p. 39 - 78, 1997.
- RUMELHART, D. E. (1980) Schemata: The Building Blocks of Cognition. In: R. J. Spiro et al. (eds.), p. 33 - 58.
- SCHIFFRIN, D. (1994) *Approaches to discourse*. Cambridge, MA: Blackwell.
- SCOLLON, R. & SCOLLON, S. W. (1997[1995]) *Intercultural Communication*. Cambridge (MA): Blackwell,.
- SEARLE, J. (1975) Indirect speech acts. In P. Cole & J. Morgan (eds.) *Syntax and emantics*. Vol. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, p.59-82.
- TANNEN, D. (1984) *Conversational style: Analysing talk among friends*. Norwood (NJ): Ablex.
- _____. (1989) Involvement in discourse. IN: *Talking Voices*. Cambridge, MA: cambridge University Press.
- _____. (1994) *Gender and Discourse*. New York: Oxford University Press.
- TANNEN, D., WALLAT, C. (1993) Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. IN: D. Tannen, (ed.). *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, p. 57 - 76.
- WALTZLAWICK, P., BEAVIN, J. & JACKSON, D. (1967) *The pragmatics of human communication*. New York: Norton.
- YOUNG, L. W. L. (1982) Inscrutability revisited. IN: J. J. Gumperz (ed.).) *Language and Social Identity*. Cambridge (MA): Cambridge University Press.